

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

Revista de Cultura

**Coletânea
de
Poesias e Sonetos**
(1937—1941)

— Revista de Cultura —
Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Necropolitana

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano XI, (janeiro – junho de 1937), nº 21, p. 348.

A Cruce salus

*Inútil é buscar a salvação no gozo,
Na gloria ou na riqueza esplendida e dourada.
Nossa vida se esfaz, qual fumo vaporoso,
E do tudo que foi, com pouco resta o nada.*

*O viver mais feliz, como o mais desditoso,
vem aqui terminar sua fallaz jornada.
E, mais cedo ou mais tarde, o dia temeroso
nos leva a adormecer sob a argilla gelada.*

*Que resta alli á flor de tanta sepultura,
da que formosa foi, do que teve riqueza ?
Nada mais que uma Cruz bem solitária e obscura.*

*Esta é a grande lição: só a Cruz invencida,
symbolo do soffrer, que vence a natureza,
nos salva e, mesmo após a morte, nos dá vida !*

(Maio MCMXXXVII)

José de Mesquita.

Céu da Glória

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano XIV, (janeiro de 1940), nº 157, p. 28-29.

*No scenario infinito
dos vastos céus polychromos, radiantes
da Guanabara,
a reflectirem-se nas águas,
ou debruçados, languidos,
sobre a curva macia das montanhas,
nenhum é para mim tão suggestivo
como este céu da Gloria!
Céu baixo, mão-tenente,
que desce quasi ao nosso alcance
e envolve, caricioso, a paisagem de em torno ...
céu que é uma festa quotidiana,
espectaculo immenso, álaque, multiforme
que Deus nos dá gratuitamente ...
radiante sob o sol rubro de fevereiro,
profundo a luz suave das estrellas,
lúcida benção que se estende
do morro todo verde ao mar azul e prata,
sereno, casto, manso,
sem anseios ou ardores,
como um beijo de mãe ou um amplexo fraterno ...
Céu que me acostumei a ver, tão doce,
das varandas abertas
do velho «Suisso»,
ou da praia tranquilla,
praia antiga, que se recorta entre o arvoredos,
junto á velha amurada,
sem estrepito de vagas rugitentes,
sob a doçura elisea e recolhida,
do outeirinho fronteiro azul e branco,*

COLETÂNEA DE POESIAS

tendo Santa-Teresa, a Urca e o Pão de Açúcar como panno de fundo,
céu plácido a inflectir-se na bahia,
como um céu de presépio,
vendo das ondas a quebrança langue
nas pedras lisas e escuras,
num morrer que não é morte,
mas sim leve parenthesis de sonho ...
Céu da Gloria, que sempre idealizo
para a delicia recolhida
duma vida de prece e de silencio,
contemplativa e lyrica, só feita
de desejos velados,
e esperanças desfeitas ...
Céu de luminosidade esvaecente,
liquefazendo-se como
uma grande saphira a se diluir nas águas ...
Céu que é bem o meu céu de mystico dolente
e a que eu desejaria,
se alasse, ao pôr do sol, o meu espírito,
num vôo lento e leve,
que fosse
como o doce morrer longo dum dia estivo:
somno sereno de que se accorda
para a Ressurreição, alvorada suprema
nessoutro céu da Gloria — único eterno!

Fevereiro, 1939. (Dos «Rhythmos Novos»)

JOSÉ DE MESQUITA

Árvore velha

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano XV, (Setembro de 1941), nº 57, p. 94-96.

I

*É uma árvore velha erguida a beira-rio.
Altiva, para o céu levanta a verde copa
onde, em noites de treva, o vendaval sombrio
fréme, guaia, rebrama, explode, uiva e galopa.*

*Avezada de ha muito ás fúrias da tormenta,
zomba do temporal e embalde o raio atroa
no céu plumbeo e hibernal e a rude e barulhenta
orchestra do trovão pelo espaço rebôa,*

*embalde! erecta e firme em seu throno, um rochedo
erguido á beira d'agua, ella ouve, indifferente,
os rugidos do rio a estrondar, negro e tredo,
ululante e febril, nos horrores da enchente;*

*outras vezes, da tarde á mortecôr saudosa,
quando, em perola e cinza, o poente azul desmaia,
ella como que sonha, emquanto, á luz gloriosa,
o rio encachoeirado e rutilo se espraia.*

*o seu tronco robusto e duma côr escura,
como a pelle de algum velho rhinoceronte,
se ergue do solo, altivo, avassalando a altura
e dominando ao largo o longinquo horizonte.*

*Da sua fronde escura entre os virentes galhos
entrelaçam-se mil cipós, onde apparecem
ninhos bailando ao vento, em languidos farfalhos,
ninhos que os bemtevis e os sãojoãosinhos tecem.*

COLETÂNEA DE POESIAS

*Na hirundinea estação ella como que vibra,
mais alegre ao chilrear dos pássaros implumes,
e cada ramo, cada folha, cada fibra
estremece de gozo e exhala-se em perfumes.*

*E quando, ao escurecer, de leve sopra a brisa
e vêm na viração uns suaves rumores,
quem passe por ali, attonito, divisa
incessante a cahir lenta chuva de flores.*

*Com pouco o solo e todo atapizado. E cessa
a estranha chuva. O luar estende o immaculado
véu por tudo. E, de novo, a chuva recomeça
no silencio da noite, argenteo e embalsamado.*

*Do rio a riba mansa é como que coberta
de flores e, de leve, a boiar, vai descendo
da água ondeante na tona, em sinuosa incerta,
uma florea esquadriha os ares rescendendo.*

*E a arvore, a espanejar á viração os galhos,
orgulhosa e feliz, na grande luz que a invade,
recebe com prazer os beijos dos orvalhos,
na alegria do amor e da fecundidade.*

*E vê, de pouco a pouco, os formosos frutinhas
crescendo e os acompanha em seu crescer e vela
por elles, cuidadosa, assim par seus filhinhos,
solicita, uma mãe vigia, attenta e bella.*

*É então que ella teme uma qualquer mudança
no céu e anseia ao ver os prognósticos feios
da tempestade e folga alegre com a bonança
e é toda zelo e amor, cuidados e receios.*

JOSÉ DE MESQUITA

*Vive assim, nessa ânsia, inquieta e desvelada,
ate que, emfim, um dia, entre a fronde apparece
uma fruta — a primeira — a abrir-se sazoadada.
E ei-la, alegre, feliz, num murmúrio de prece.*

*Um por um vão cahindo os frutos e, sózinha,
de novo ella se vê. Contristada, presente
que o inverno triste e mau de novo se avizinha.
Nuvens cobrem do céu o azul resplandecente.*

*Vestem o morro verde os mantos da neblina.
As aves, revoando, abandonam a terra.
E é tudo solidão. Erma é a vasta campina,
ermo o valle sem flor, erma a escarpada serra.*

*Tudo morto, sem luz, sem rumor, e sem vida!
Tudo triste! E a gemer, aiando, noite e dia,
o vento. Alveja, longe, a estrada erma e batida.
E paira no ar um tom de immensa nostalgia.*

*E assim passa-se o inverno. E eis que de pouco a pouco
vai-se reanimando a soturna paisagem.
Já não sopra feroz o sul, frigido e rouco.
Desembuça-se o céu ao perpassar da aragem.*

*E pela immensidão ondulante dos campos
ha de novo o rumor áacre dos trinados
e sob o amplo fulgor dos grandes céus escampos
se expandem asas mil, em voejos demorados.*

*A primavera volve e, calmo, o firmamento
como nunca reluz, como nunca fascina.
Ha em tudo vigor, energias e alento,
da montanha sombria á flor mais pequenina.*

E succedem-se assim as estações. E ella

COLETÂNEA DE POESIAS

*ergue, soberba, no ar, a sua ramaria,
rumo ao intangido azul, grandiosa, épica e bella,
como uma afirmação de força e de alegria.*

II

*Alma que o mal abate e que o soffrer crucia,
e atam á cruz da dôr as aspás do tormento,
não te deixes vencer pela magua de um dia,
não te esmague o tufão que passa num momento.*

*Depois do inverno, o céu e mais claro e mais lindo,
depois do temporal, o ar é mais leve e puro.
Não te esmague o temor, o desespero infindo.
Põe teus olhos no céu. Espera no futuro.*

*Aprende na lição da arvore bella e annosa,
— escola da esperança e compendio da crença. —
Nem sempre a vida é a mesma. E á dor mais angustiosa
succede o Amor, a Paz, como uma Renascença.*

José de Mesquita.

JOSÉ DE MESQUITA

Aura da Serra

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano IX, (Janeiro – Junho), 1935, Vol. 17, p. 52.

*Constante, sempre igual, doce, pura e fagueira,
a aura da serra vai — beijo que a várzea esflora —
ora na furna, ora na agreste capoeira,
aqui no valle em flor, ali no campo-fóra.*

*Dês que se ganha a chan da montanha altaneira,
vem-nos ao encontro a aflar, numa orchestra sonora,
e, na boca da mata, ali junto á pedreira,
é ainda quem nos faz o terno botafóra.*

*A ventura, na vida, é como a aura da serra,
que nos vem sem saber como, nem donde veio —
beijo leve do céu acariciando a terra . . .*

*E o segredo de ter sempre a felicidade
consiste em na gozar, sem ânsia nem receio,
com despreocupação e com simplicidade.*

(Chapada, Nov. MCMXXXIV)

José de Mesquita.

Perfeição

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano IX, (Janeiro – Junho), 1935, Vol. 17, p. 109.

Non sit pax tua in ore hominum . . .

(Imitação, III, XXVIII, 2)

*Segue a vida real, bem ampla e iluminada,
surdo ás aclamações e aos apupos cruéis,
olhos postos no azul, vai pela tua estrada,
brotem rosas em flor ou espinhos a teus pés.*

*Pobre do que sentir sua alma perturbada
pelos ápodos vis ou pelos europeis!
Vai, tranquillo, a fluir . . . Lembra que a água parada
não tarda em transformar-se em pântano, em marneis.*

*Quando a alma se eleva á virtude mais alta,
indifferente á dor e ao gozo que inebria,
e a chacota, que fere e ao encômio, que exalta*

*é que da Perfeição o vértice atingiu:
— nem já lhe doe o mal, que a cerca, noite e dia,
nem o bem que buscou e não conseguiu !*

José de Mesquita.